

## O ASSÉDIO MORAL EM UMA UNIVERSIDADE AO SUL DO BRASIL: O CASO DA UFPEL

DULCINÉIA ESTEVES SANTOS<sup>1</sup>; LORENA ALMEIDA GILL <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - santosedumedvet@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - lorenaalmeidagill@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O assédio moral no mundo acadêmico é uma das microviolências que, muitas vezes, são camufladas em meio a tantos outros desafios do cotidiano acadêmico, que tantas vezes, por desconhecimento ou falta de apoio, provocam mudanças de planos na vida de universitárias e universitários como, inclusive, o abandono do curso.

De acordo com HELOANI (2005), o assédio moral foi apontado como objeto de pesquisa, na Suécia, pelo psicólogo do trabalho Heyns Leymann, no final do século XX. Ele realizou um levantamento, juntos a grupos de profissionais, e chegou a qualificar o assédio como um psicoterror, cunhado pelo termo *mobbing*, ou seja, trata-se de uma perseguição psicológica, que se assemelha a um ataque rústico e grosseiro perpetrado contra alguém.

O assédio moral é uma conduta abusiva em relação a uma pessoa, que pode ocorrer por comportamentos, palavras, atos, gestos ou escritas, que possam acarretar danos à sua personalidade ou à dignidade física ou psíquica. E ainda, trata-se de situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o exercício de sua função, de forma repetitiva, as quais caracterizam uma atitude desumana, violenta e antiética (HELOANI, 2005).

Ao relacionar o assédio moral com as organizações hierarquizadas e com procedimentos rígidos nas relações entre superiores e subordinados fica mais clara a ocorrência da referida violência. Nessa perspectiva, escolas e universidades tendem a ser espaços de ensino e pesquisa, mas também onde ocorrem situações de assédio moral, além do sexual. Com isso, as administrações públicas, em geral, possuem características que favorecem esse fenômeno, uma vez que a estrutura é formada por hierarquias, a clássica burocracia, a ínfima regulamentação e a competitividade alterosa (CIRAULO, 2020).

Diante desse contexto, esse trabalho vem apresentar narrativas de discentes de graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)<sup>1</sup>, construídas em pesquisa que abordou o tema. Tais questões, propostas em um formulário foram respondidas de forma livre e espontânea, de maneira anônima. Com isso, nota-se a extrema importância em publicizar as narrativas, problematizar e popularizar esse tema na referida instituição para que novas situações não aconteçam e, caso existam, os assediados saibam a quem denunciar, já que existe uma Ouvidoria na instituição.

O assédio moral vertical é marcado ainda mais pela autoridade. Nesse sentido há o vertical descendente, o qual é representado pela relação de um professor relacionado a críticas a uma aluna, por exemplo; o ascendente, quando o aluno realiza falas persecutórias com relação ao docente e, ainda, há o assédio

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre a história da UFPEl ver: [http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%\*c3\*%\*a1\*rio%20de%20Hist%\*c3\*%\*b3\*ria%20de%20Pelotas.pdf](http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf) Acesso em 19 de agosto de 2022.

moral horizontal, o qual pode ser pensado através de abusos relacionados a colegas.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa sobre assédio moral e sexual na UFPel. Trata-se de um estudo quali-quantitativo, que foi idealizado e executado pela equipe do Programa de Educação Tutorial - Diversidade e Tolerância (PET-DT), iniciado em 2019, o qual contou com 576 respostas da primeira fase, através de um formulário do Google, que foi disponibilizado nas redes sociais do PET DT. Atualmente, há outro formulário de segunda fase da pesquisa, lançado nas redes, em junho de 2021, que conta com 55 respostas. Os dados foram tabulados através do Excel e as narrativas foram exploradas com anonimato, conforme já dito. O objetivo da pesquisa foi obter informações na pretensão de construir informações sobre a existência de assédio moral e sexual, a partir de respostas de discentes de graduação e pós-graduação, egressas/os, docentes, técnicas/os administrativa/os, trabalhadora/es públicos e terceirizada/os, com a finalidade da própria Universidade enxergar que, apesar de pretender ser um espaço plural e democrático, também é marcada por situações de violências cotidianas. Para esta comunicação, serão avaliadas as respostas de discentes que contribuíram para a pesquisa, relacionadas ao assédio moral, uma vez que este público apresenta um número expressivo de respostas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa obteve 369 respostas de discentes, de um total de 576 respostas, o que representou 64,0% do total de respondentes da pesquisa. Destas, há 270 mulheres, perfazendo 73,1% e 97 respostas identificadas como do sexo masculino, sendo 26,2%. Os demais preferiram não se identificar. Ainda, a maioria dos respondentes respondeu ser branca. Durante a análise das respostas percebe-se que foram vários os tipos de assédios sofridos pelo maior tecido social da instituição que são discentes de graduação.

Ao responderem se já presenciaram ou vivenciaram assédio moral na UFPel, segue essa narrativa: “Foram diversos momentos de assédio advindos de um pós-graduando em um projeto de extensão, o qual fazia comentários acerca de minhas vestimentas que, segundo ele, marcavam meu corpo [...]” (narrativa 1). Há a presença de assédio moral vertical descendente, no qual um discente aponta: “Uma tentativa de conversa com uma professora sobre a didática dela e as notas da prova. Ela acusou a todos de não estudarem e ofendeu aqueles que tiraram notas baixas dizendo que os mesmos são burros de não estudarem” (narrativa 2)”.<sup>2</sup>

Segundo o UnB Notícias: “Pesquisas apontam que o assédio moral nas universidades públicas têm aumentado”<sup>2</sup>. Acredita-se que, de fato, o que tem aumentado são as informações, pesquisas e divulgação, com isso o tema entra em pauta. Entretanto a violência ainda causa grandes prejuízos, abordados, por exemplo, pela seguinte respondente: “Fui constrangida várias vezes pelo

<sup>2</sup> <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/5129-assedio-moral-nas-universidades-publicas-brasileiras>  
Acesso em 19 de agosto de 2022.

coordenador do meu curso e minha nota que era baixa foi colocada no grupo da turma para que os outros alunos pudessem ver, devido à essa exposição acabei desistindo do curso” (narrativa 3).

A narrativa que se segue vai ao encontro do explorado por HELOANI (2005). Segundo ele, no Brasil colônia, índios e negros foram sistematicamente assediados e humilhados por colonizadores que julgavam-se e sentiam-se superiores e aproveitavam-se dessa suposta superioridade, cultural e econômica para acondicionar-lhes sua visão de mundo, religiões, costumes, ou seja, toda a sua ancestralidade: “Professor a qual em sala de aula em formas deselegantes usa as de expressões preconceituosa para se referir à comunidade LGBTQI+, às mulheres, negros e indígenas” (narrativa 4).

Muito embora o assédio ainda seja confundido por “brincadeiras” e, algumas pessoas fiquem constrangidas em comentar sobre o assunto, alguns estudantes estão pautando, cada vez mais, esse tipo de violência, como no caso de denúncias feitas em uma Universidade de Lisboa, na qual alunos brasileiros, negros ou originários de países africanos, cuja língua oficial é o português sofreram xenofobia e racismo.

Nesse contexto ainda de falta de compreensão sobre que o assédio é uma violência, há a seguinte narrativa: “A todo o momento os alunos são assediados na Veterinária, mas os alunos não entendem completamente que se trata de assédio e em geral têm medo de represálias, pois os professores podem reprovar quem eles querem, injustificadamente” (narrativa 5).

Na perspectiva do patriarcado, SANTOS (2022) aborda que a violência de gênero no Brasil é bastante presente, por uma questão cultural, a partir da qual os homens objetificam as mulheres. Com isso, é necessário compreender que o assédio moral vivido por elas é uma violência e as narrativas seguintes explicitam tal fato: “Professor desmerecendo o mestrando que o auxilia nas atividades de sala de aula [...] fazendo piadas sobre as atribuições da mulher na construção civil” (narrativa 6); “Alguns professores racistas e machistas perseguindo alunos e rebaixando-os por esses motivos e com falas explícitas [...]” (narrativa 7); “Professor [...] usa como exemplos pejorativos pessoas com deficiência física, pressiona as alunas mulheres para responder as questões em aula e faz piadas machistas, racistas e homofóbicas em aula” (narrativa 8). Nesta mesma linha de raciocínio, a estudante desabafou: “Colegas de turma chamando de idiota. Professor falando que por eu ser menina, cálculo é mais difícil mesmo” (narrativa 9).

Alguns sites de notícias também têm explorado mais o tema, como no fragmento a seguir: “O assédio em ambientes acadêmicos consiste na exposição recorrente a situações degradantes. Normalmente, as vítimas são estudantes, mas também há casos em que são justamente os alunos os assediadores. Nesse segundo modelo, eles praticam a agressão contra outros alunos, professores ou funcionários da universidade”<sup>3</sup>.

As narrativas e notícias aqui apresentadas, de certa forma, denunciam o quanto é relevante a discussão, que necessita ser visibilizada por estudos como o aqui desenvolvido.

## 4. CONCLUSÕES

---

3

<http://assediomoral.org.br/cresce-o-numero-de-denuncias-de-assedio-moral-e-sexual-nas-universidades-federais/> Acesso em 19 de agosto de 2022.

A partir da análise de algumas respostas que conversam com a recente literatura publicada no Brasil e notícias que abordam esta temática, nota-se que as narrativas apresentadas pelo corpo discente da UFPel, além dos demais grupos, deveriam apresentar motivos para alguma preocupação institucional, embora apenas a Associação de Servidores da UFPel tenha querido conversar sobre os resultados obtidos. Ademais, uma porcentagem muito insignificante dos respondentes afirmou ter realizado denúncia na ouvidoria da universidade. Por isso, é preciso mais visibilidade sobre o tema, seja através da publicação dos dados da pesquisa ou pelo incentivo às denúncias e cobranças por parte da UFPel para realizar medidas de prevenção ao assédio moral, como as que já existem em outras Universidades.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIRAULO, I. M. **Assédio moral em servidores técnicos-administrativos de uma universidade pública**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Bacharel em Psicologia. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18046>. Acessado em 18 agosto de 2022.

DIAS, V. O. **Assédio Moral nas Universidades Públicas brasileiras**. UnB Notícias, Brasília, 3 ago 2021. Online. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/5129-assedio-moral-nas-universidades-publicas-brasileiras> Acessado em 18 ago. 2022.

HELOANI, R. **Assédio moral: a dignidade violada**. Aletheia. 2005. (22):101-107. Acessado em 18 de ago. 2022. ISSN: 1413-0394. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013470010> Acessado em 18 ago. 2022.

LAGO, B. L.; LOURENÇO, V. **Cresce o número de denúncias de assédio moral e sexual nas universidades federais**. Beta Redação. Jornalismo da Unisinos, 8 de jun. 2019. Online. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/cresce-o-n%C3%BAmero-de-den%C3%BAncias-d-e-ass%C3%A9dio-moral-e-sexual-nas-universidades-federais-d9d7ed5d57da> Acessado em 18 de agosto de 2022.

LIMA, A. **Estudantes protestam contra assédio e xenofobia na Universidade de Lisboa**. Agora Europa, Lisboa, 7 abr. 2022. Online. Disponível em: <https://agoraeuropa.com/ultimas-noticias/estudantes-protestam-contra-assedio-e-xenofobia-na-universidade-de-lisboa/> Acessado em 18 de agosto de 2022.

LONER, B.; GILL, L. e MAGALHÃES, M. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf> Acessado em 17 de agosto de 2022.

SANTOS, D. E. Assédio moral e sexual na universidade: os desafios enfrentados pelas mulheres. In: SCHULZ, R., MORITZ, M. L., MAX, V. **Fronteiras feministas na pandemia: diálogo Brasil – Uruguai/2021**. Porto Alegre: Polifonia, 2022. p. 136-144. Online. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/358872720\\_Colecao\\_Estudos\\_Feministas](https://www.researchgate.net/publication/358872720_Colecao_Estudos_Feministas) Acessado em 18 ago. 2022